

Reminiscências Castrejas na Arte Visigótica

POR

D. Fernando de Almeida

Director da Fac. de Letras da Universidade de Lisboa
e Director do Museu Nac. de Arqueologia e Etnologia

Antes de povos celtas se terem instalado na Península à volta do séc. IV a.C., já durante alguns séculos ela vinha sendo visitada por comerciantes e exploradores do Oriente mediterrânico e depois por Fenícios, Gregos e Cartagineses; possivelmente também por Etruscos.

O Noroeste era rico em ouro e, com ele, também havia prata. Não conhecemos quais as jazidas por ali exploradas antes da chegada dos Romanos. Conforme já tivemos ocasião de escrever, não há quaisquer dúvidas que a mineração estava já então muito adiantada por aquelas regiões, pois abundam objectos de ourivesaria proto-histórica. Faltam-nos os documentos comprovativos da extracção feita na área; isto é, não foram até agora encontradas as ruínas onde os Romanos não tivessem feito explorações.

Possuídos de uma técnica mais adiantada, e utilizando mão-de-obra barata, pois, pelo menos em parte, os operários eram escravos e, às vezes, legionários ajudavam; o produto das minas tinha colocação certa em Roma. Não houve veio nem aluvião auríferos que escapassem à sua sagacidade; esgotaram tudo quanto foi possível explorar! E, assim, os trabalhos dos antigos mineiros desapareceram totalmente.

Como que para demonstrar influências gregas e fenícias no Noroeste (tratamos somente da parte portuguesa) estão no Museu

Soares dos Reis, do Porto, a bráctea grega encontrada em Babe, perto de Bragança; e no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa, o chamado tesouro fenício do Baião. Com estas influências gregas e fenícias, aproveitadas em maior ou menor grau às de há séculos praticadas pelo povo, juntaram-se as célticas.

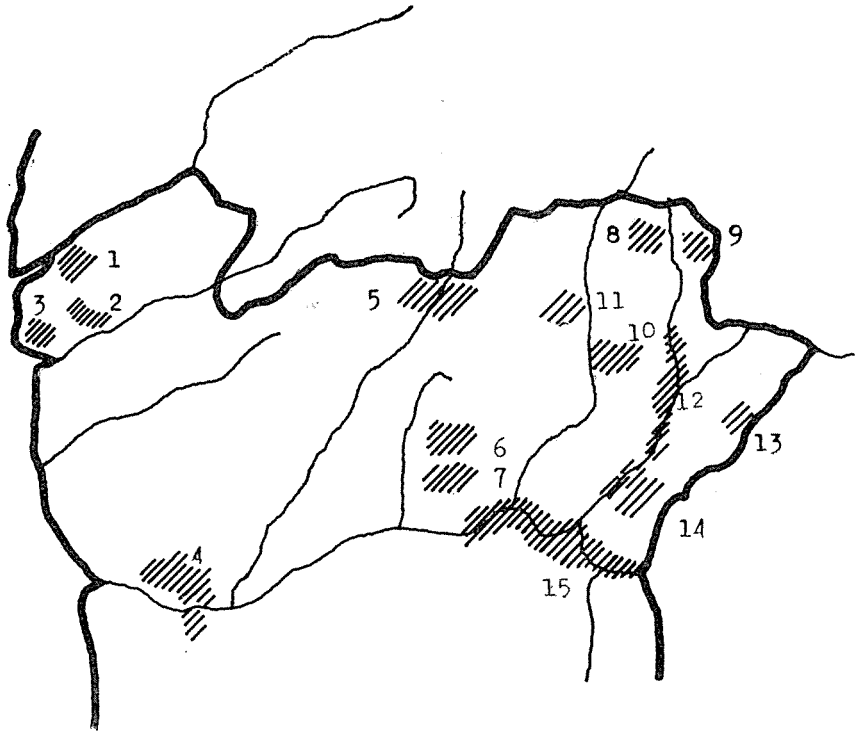


Fig. 1 — Principais áreas de explorações mineiras romanas de ouro (O), de estanho (E) e algumas das de ferro (F), situadas ao N. do rio Douro, em território português. 1—Folgadoura (E), 2—Serra de Arga (O), 3—Val Mou (E), 4—Valongo (O), 5—Chaves (O), 6—Trêsminas (O), 7—Jales (O), 8—França (F), 9—Guadramil (F), 10—Macedinho (O), 11—Mirandela (O), 12—Rio Sabor, aluviões (O), 13—Urrós (O), 14—Moncorvo (F), 15—Rio Douro, aluviões (O).

E desta amálgama saiu a arte da ourivesaria castreja, de que reputamos como peças mais representativas o bracelete de Lebução, o torques de Vila Flor e as arrecadas da Póvoa de Varzim e Guimarães.

Na decoração predomina o geometrismo conseguido pelos diferentes desenhos utilizados. Ainda durante os primeiros tempos do Império, os ourives continuaram a trabalhar. Depois deu-se um fenómeno insólito. Num país onde abundavam minas de ouro com excelente produção (Jales, Trêsmnas, Chaves, Valongo, Viana do Castelo e outras) a sua exploração caiu verticalmente com a crise do final do século III; mas já antes desta queda da extracção, a ourivesaria quase desaparecera, embora a produção das minas tivesse aumentado extraordinariamente (por exemplo, à volta de cinco toneladas de ouro, por ano, em Trêsmnas).

A explicação é simples: ia tudo para Roma e, por outro lado, os costumes e modas do Lácio iam-se estendendo pela população.

As minas de Chaves, de que as principais eram as próximas de Carvalhelhos, deviam ter tido grande importância a avaliar pelo chamado «Poço das Freitas», enorme corta onde, no lago ainda subsistente, dizia um autor espanhol, do século XVII, podia nele navegar uma nau da Índia!

Submergida a arte castreja pela arte romana, quando no final do Império surgiram as migrações germânicas, a arte indígena aliviada do peso latino regressou à vida, não sem deixar de se recordar de motivos decorativos e modos de construção que os romanos usaram. E assim, dessa interpretação das artes romana e bizantina e da castreja, com alguns elementos germânicos, surgiu a chamada arte visigótica, onde a decoração geométrica teve lugar de relevo.

A comunicação do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida foi *A mineração e a ourivesaria castreja*. Enviou depois o original que se publica.

Intervenções sobre *A mineração e a ourivesaria castreja*.

Prof. Santos Júnior

Realça o duplo interesse, arqueológico e sócio-económico desta comunicação tão belamente documentada com a projecção dos diapositivos bem demonstrativos da riqueza e da beleza das jóias de ouro castrejas.

Refere-se à esplêndida colecção de peças de ouro existentes no grande Museu Etnológico de Belém do qual o Prof. D. Fernando de Almeida é o seu ilustre Director, e lembra mais uma vez, a necessidade da publicação das mesmas num *Corpus*, publicação de que se fala há muitos anos mas que ainda não pôde ser concretizada.

Padre António da Eira

Refere-se ao tesouro de Lebução, o qual, fora encontrado, não na vinha junto de Lebução, mas no Castelo do Mau Vizinho, freguesia de Cimo de Vila, concelho de Chaves. O Castelo do Mau Vizinho é um monumento arqueológico de interesse e digno de estudo. Já de si o local se torna curioso. É um pico escarpado, a elevar-se da beira do rio com cerca de cem metros de altura. No cimo a rocha foi desbastada a pico, para se transformar numa plataforma de alguns vinte e cinco metros quadrados. É quase inacessível. Na plataforma há uns pequenos buracos com um sulco de ligação.

Dali nasce uma série de degraus em semicírculo, na direcção do levante. Têm um sulco de uns vinte centímetros de profundidade na parte posterior. Ao fundo dos degraus há uma pia grande ou reservatório, com um sulco de saída para o precipício do lado sul. Pode pensar-se que fosse um grandioso altar pagão. Porém, como nas proximidades existem duas minas, uma de cada lado do rio Mouce, e também porque há uma grande quantidade de cascalho pelo monte abaixo, pode também pensar-se que tal monumento seja uma lavaria de minérios. Deixa-se de lado as lendas e mais a opinião de que o *Castelo do Mau Vizinho* tenha sido morada de qualquer senhor medieval, coisas referidas pelo ilustre Abade de Baçal.

Dr. Joaquin Lorenzo Fernandez

Acredita na influência da decoração das jóias castrejas na decoração visigótica.

Dr. Fermin Bouza Brey

Lembra o artigo que sobre do bracelete de Lebução publicou na «Revista de Guimarães» o Prof. Blanco Freijeiro e entende que as semelhanças decorativas que podem dar-se entre a cultura dos castros e a cultura visigoda obedecem a coincidências de linhas bases existentes em todas as culturas como são os círculos, as estrelas ou flores hexapétalas, as linhas angulares, pois o que forma as verdadeiras características das decorações artísticas, em cada época ou em cada cultura, são as combinações dos motivos e não estes separadamente.



Fig. 2 — Corta romana para exploração de filões de ouro, chamada «Poço das Freitas». Situada perto de Carvalhelhos, entre Nogueira, Sapelos e Bobadela, mede cerca de 100 m por 80 m. Podia ser aproveitada para fins turísticos.

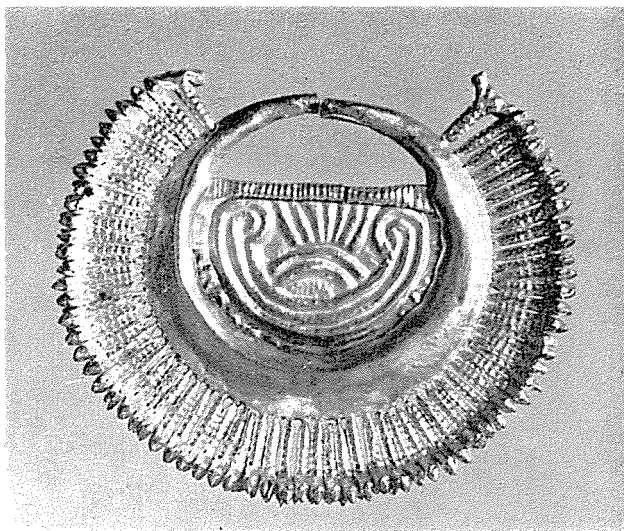


Fig. 3 — Arrecada fenícia, de ouro. Faz parte do chamado «Tesouro do Baião», a publicar pelo A., no «Catálogo da Joalheria Arcaica, do Museu Nac. de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa.



Fig. 4 — Lâmina (bráctea) grega encontrada perto de Bragança, em 1840. Foi executada sobre um decadracma grego, de Siracusa. Notar a assinatura do artista grego EVAINE(TOS).

Notícia: R. de Serpa Pinto, «Bráctea de Siracusa», *O Tripeiro*, Porto, 1930, n.º 1, 4.ª série. (Museu Nac. Soares dos Reis, Porto).

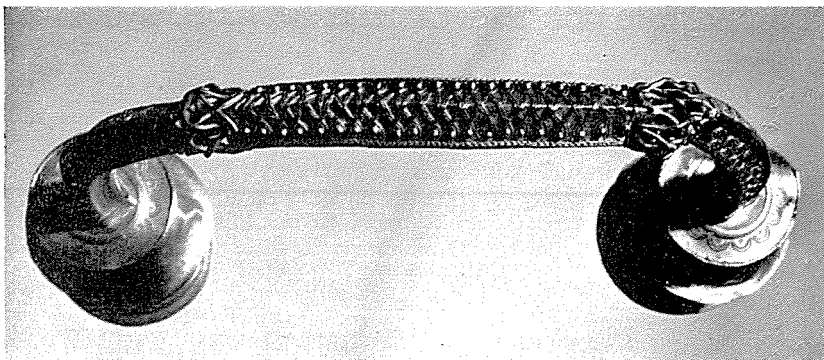


Fig. 5 — Pormenor do torques, de ouro, encontrado perto de Vila Flor (Trás-os-Montes). É uma das peças mais notáveis da ourivesaria castreja.

Notícias: J. R. Santos Júnior e O. Silva Freire, «O torques de ouro de Vilas Boas (Vila Flor)», *Rev. de Guimarães*, 1965, p. 137 — J. Saavedra Machado, «O torques de ouro de Vilas Boas de Trás-os-Montes», *Ethnos*, IV, Lisboa, 1965, p. 313. (Museu Nac. de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa).



Fig. 6 — Pormenor do bracelete de Lebução (Valpaços). Notar a variedade e a execução dos motivos decorativos empregados, todos de tipo geométrico. Notícia: Ricardo Severo, «O Tesouro de Lebução», *Portugália*, II, p. 1-14. (Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães).